

## O ENGODO PSICOPATA: crime e perversão

Priscila Stacul<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho busca fazer uma pesquisa acerca do funcionamento psíquicos de assassinos em série, também chamados de psicopatas ou sociopatas à luz da teoria psicanalítica. A intenção do presente trabalho é a de tentar responder se esses indivíduos, criminosos e assassinos, estão realmente associados a estrutura psíquica perversa. Com essa finalidade, utilizaremos textos da teoria psicanalítica, particularmente Elizabeth Roudinesco, Antonio Quinet, Piera Aulagnier e, principalmente, Freud.

**Palavras-chave:** Psicopata; Psicanálise; Perversão.

### 1. Introdução

*Eu tinha amigos, eu era uma pessoa normal. Exceto por este único, pequeno, mas muito destrutivo segmento que eu mantive em segredo, muito junto de mim e que eu não deixei ninguém saber.*

Ted Bundy (Apud DOBSON, 2013).

A frase acima é Theodore Bundy, um assassino em série que matou dezenas de mulheres na década de 70. Caso de grande repercussão, repúdio e inquietação. O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica acerca do funcionamento psíquico dos sujeitos que cometem crimes de assassinatos em série, mais conhecidos como *serial killers*, psicopatas ou sociopatas, como Ted Bundy. O objetivo principal deste trabalho é de tentar solucionar questões referente à estrutura psíquica desses indivíduos em sua primazia na abordagem psicanalítica. Para tanto, buscou-se aplicar uma pesquisa qualitativa através de autores como Sigmund Freud, Antonio Quinet, Elizabeth Roudinesco, dentre outros.

A primeira parte conta com uma pequena explicação sobre a psicopatia, a origem da palavra e a classificação pela qual estes indivíduos estariam enquadrados no CID-10. Na sequência, o texto, passa, então, a abordar o termo perversão ilustrando casos de vários perversos na história da humanidade com intuito de exemplificar esses sujeitos que poderiam ser alvos da presente pesquisa. Para tanto, foi abordado o trabalho da autora Elizabeth Roudinesco em seu livro **A parte obscura de nós mesmos**.

Em seguida, o texto passa a discorrer sobre o perverso numa leitura psicanalítica, onde se busca explicar a constituição do sujeito humano e a formação da estrutura psíquica. Com esta finalidade, a pesquisa foi realizada através dos escritos freudianos, de Antonio Quinet e de Aulagnier.

Os estudos referentes à estrutura psíquica perversa ainda são poucos e esse trabalho pode iniciar uma pesquisa mais aprofundada sobre a área. A hipótese inicial seria a de que estes sujeitos criminosos, alvos da presente pesquisa estariam ligados à estrutura psíquica perversa. Logo surgiram os questionamentos. Será que estes sujeitos tão friamente hábeis, inteligentes e sedutores se enquadram efetivamente nesta estrutura? Afinal, como funciona esta estrutura? E, se está ligada a esta estrutura, o que a distingue? Para tentar responder a essas perguntas nos debruçamos ante aos textos freudianos desde o complexo de castração às diferenças entre as estruturas psíquicas que surgem na constituição do sujeito humano explicados pelo autor lacaniano Antonio Quinet.

<sup>1</sup> Psicóloga, graduada pela UNIABEU Centro Universitário.

## 2. Psicopata e Perversão

O termo psicopatia veio para a literatura através da Escola de Psiquiatria Alemã. Kraepelin, em 1904, definiu este tipo de personalidade incluindo os casos de falta de afeto e de volição, além de alguns casos de psicose incipiente. Em 1923, Schneider trouxe a Psicopatia como um distúrbio de personalidade que não afeta nem a inteligência nem a estrutura orgânica do indivíduo, mas que mesmo assim traria prejuízos para si mesmo ou para a sociedade. (DAVAGLIO e ARGIMON, 2010).

Kahn, em 1931, agregou, neste tipo de personalidade, vários problemas e desordens não classificadas como doenças mentais, tendo como condição essencial o desajustamento social do indivíduo (DAVAGLIO e ARGIMON, 2010).

Para realização do diagnóstico das psicopatologias existem livros que são considerados obrigatórios para os profissionais que atuam na área da saúde fazerem uso, que são o DSM-5<sup>2</sup> e o CID-10<sup>3</sup>, estas versões são até o presente momento as mais atuais. No DSM-5, eles estão enquadrados no Transtorno de Personalidade Antissocial (301.7). No CID-10 temos a Personalidade Dissocial (F60.2) que é caracterizada pelo desprezo das obrigações sociais e uma falta de empatia para com os outros. Descreve ainda que:

O comportamento não é facilmente modificado pelas experiências adversas, inclusive pelas punições. Existe uma baixa tolerância à frustração e um baixo limiar de descarga de agressividade, inclusive da violência. Existe uma tendência a culpar os outros ou a fornecer racionalizações plausíveis para explicar um comportamento que leva o sujeito a entrar em conflito com a sociedade (ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde, 2016).

Mas esses indivíduos, criminosos e assassinos estariam ligados a qual estrutura psíquica segundo a psicanálise? A perversa? A palavra “perverso”, segundo o Minidicionário de língua portuguesa tem a seguinte definição: “adj. 1. Que se perverteu; Depravado. 2. De índole muito perversa. 3. Cruel, desumano” (XIMENES, 2000).

Segundo Roudinesco (2008), a palavra perversão tem sua origem no latim *perversio* e surgiu no francês entre 1308 e 1444 e no português entre 1562 e 1575. Mas esta palavra chegou a ter um significado muito forte na vida das pessoas através da história e de seus representantes. Relatos que por mais antigos que sejam ainda provocam amíúde asco e temor e deste modo todos são vistos como criminosos, mesmo nos dias de hoje onde alguns casos de perversões, se consentidas, são totalmente “legais”, como, por exemplo, o sadismo e a coprofagia.

Por séculos as perversões estiveram por trás de véus de ignorância e ingenuidade, na verdade, até hoje ainda existem muitos casos desconhecidos. Como no caso de Guilles de Rains<sup>4</sup>, quem, segundo Roudinesco (2008), foi um criminoso forjado no seio familiar além de todas as batalhas que foi expectador e as que participou, onde mostrou-se um homem cruel e temido. Sequestrava as crianças mais bonitas (filhos de camponeses), de preferência meninos, lhes provocava as piores torturas, retalhava seus corpos, arrancava órgãos e as sodomizava no momento de sua maior agonia, esfregava seu pênis em seus ventres dilacerados, então ejaculava. Nesse jogo ele conseguiu matar cerca de 300 crianças e seus feitos deram origem a lenda do temido Barba Azul (ROUDINESCO, 2008).

<sup>2</sup> *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* “é uma classificação de transtornos mentais e critérios associados elaborada para facilitar o estabelecimento de diagnósticos mais confiáveis desses transtornos” (AMERICAN Psychiatric Association, 2014).

<sup>3</sup> Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde da Organização Mundial de Saúde.

<sup>4</sup> Guilles de Rains, nascido em 1404, criado pelo avô paterno, João Craon (Senhor feudal rico, avaro e libertino), durante a Guerra dos Cem Anos. Foi iniciado no crime aos 11 anos por seu avô. Casou-se aos 16 e tinha como amante seu pajem que se tonara um assassino de crianças (ROUDINESCO, 2008).

Roudinesco (2008) diz que Sade também tem um papel importante na história de perversos e criminosos. Foi à partir de seu nome que foi criada a palavra “sadismo”. Ele planejou e executou várias orgias tendo como principais atos a flagelação de si através de outros e de outros através de si além da sodomia. Ele tentou influenciar para que as leis fossem modificadas onde, segundo sua filosofia, homens e mulheres tem dever de serem sodomitas e se tiverem filhos estes serão propriedade da República, separados da mãe desde o nascimento para se tornarem objetos de prazer. Sade aboliria então a figura de pai e extinguiria a função da mãe. Dizia ele: “para conciliar o incesto, o adultério, a sodomia e o sacrilégio [...] o pai deve enrabar sua filha casada com uma hóstia” (ROUDINESCO, 2008, p. 53). Para Sade e seus seguidores se um homem tem uma natureza assassina ele deve obedecer sua pulsão, ou seja, ele terá o direito de matar, afinal o crime é natural do homem.

Sade foi preso e enquanto esteve na prisão continuou pondo em prática toda sua perversão. Escreveu vários livros com um pseudônimo, dentre eles *Os 120 dias de Sodoma* e *Justine ou os infortúnios da virtude*. Até hoje existem vários adeptos da filosofia de Sade, embora uma boa parte, com consentimento do parceiro(a), não seja considerado um crime. (ROUDINESCO, 2008)

Nos dias de hoje ainda vemos casos que nos remetem a tempos onde esses antigos perversos eram presentes. Tendo em vista um caso brasileiro, quando foi veiculado na mídia o caso do “Maníaco do Parque”<sup>5</sup> ficamos totalmente estarecidos e muitos se perguntaram: Como uma pessoa nos dias de hoje teria tanta “malvadeza” no coração?

São diversos os tipos de perversões, cada perverso tem seus motivos para tal ato, seja purificação, seja prazer. A maioria tenta chegar ao auge, sendo este auge sentir-se uno com Deus/Deuses ou se tornando um Deus.

Ainda resta-nos algumas questões, como a perversão é explicada na teoria psicanalítica? O que a define? Será que esses indivíduos, assassinos, realmente estão enquadrados nessa estrutura?

### 3. Perversão no viés da Psicanálise

Segundo Freud (1923), a constituição do sujeito humano se dá através do Complexo de Édipo e do que ele chamou de encontro com o trauma da castração. O conceito do Complexo de Édipo foi criado por Freud a partir da experiência clínica e utilizando como ilustração a tragédia Grega, **Rei Édipo**, de Sófocles. Na tragédia grega mencionada, o Rei Édipo havia sido abandonado por sua mãe, por ordens de seu pai, logo, a criança foi criada por uma família substituta e após adulto, descobre que existe uma maldição na qual ele mataria seu pai. Para evitar tal tragédia, Édipo se afasta da família que o criou. Em sua viagem, confronta-se com um indivíduo sem saber que este era seu pai biológico e também o rei daquelas terras. Mediante o combate Édipo o assassina. Ao chegar à cidade desvenda o enigma da esfinge e se torna o rei, tomando para si, tudo o que um dia foi de seu pai, inclusive as esposas. Um tempo mais tarde, Édipo fica sabendo que se confrontara com seu pai e o assassinara, bem como, tomou, sem saber, a mãe como esposa. Freud, a partir de suas observações e experiência clínica, postulou a ideia de que o sujeito humano, em sua constituição, passa por algo semelhante a esta história. Quando nasce, a criança sente-se parte integrante da mãe, após um determinado tempo passa a entender que a mãe é um ser que não ele, mas ainda se sente desejada por ela e também a deseja consigo sempre e acredita que a mãe é somente dela. Neste estado de desejo e desejado é que entra a interdição paterna, quando a criança percebe que a mãe não é só dele e que existe o pai, alguém que a mãe também deseja, pois o deixa sozinho ou com outras pessoas para estar

<sup>5</sup> Francisco de Assis Pereira, que ficou conhecido como o maníaco do parque, é um *serial killer* brasileiro. O maníaco do parque estuprou e matou, com requintes de crueldade, pelo menos seis mulheres e tentou assassinar outras nove em 1998 (CAPIGLIONE, 1998).

com o pai. Muitas mães também incluem o pai na educação e correção da criança, logo, a figura paterna se torna a responsável pela internalização das leis (limites de ação e contato).

[...] É destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe, e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino, para nosso pai. Nossos sonhos nos convencem de que é isso o que se verifica. O Rei Édipo, que assassinou Laio, seu pai, e se casou com Jocasta, sua mãe, simplesmente nos mostra a realização de nossos próprios desejos infantis [...] Enquanto traz à luz, à medida que desvenda o passado, a culpa de Édipo, o poeta nos compele, ao mesmo tempo, a reconhecer nossa própria alma secreta, onde esses mesmos impulsos, embora suprimidos, ainda podem ser encontrados (FREUD, 1900, p. 224-225).

Quando falamos de perversão, em psicanálise, falamos de estrutura psíquica. Para falarmos de estrutura psíquica, faz-se necessário compreender como se formam tais estruturas. Dentro deste campo de saber, visualizamos várias etapas da construção da subjetividade da criança. Para a teoria psicanalítica, a cena edípica é o momento crucial da constituição do sujeito. Assim, além deste ser o complexo nuclear das neuroses, também é um ponto decisivo da sexualidade humana e determina a escolha objetal. Será a partir do complexo de Édipo e do Complexo da castração que as estruturas psíquicas serão formadas e se organizarão em torno da diferenciação entre os sexos e como será seu posicionamento frente à angústia de castração (MOREIRA, 2004).

Sabe-se como reagem às primeiras impressões da ausência de pênis. Eles recusam essa ausência, acreditam ver um membro, atenuam a contradição entre o que viram e o que esperavam, mediante a evasiva de que ele é ainda pequeno e crescerá, e aos poucos chegam à conclusão emocionalmente significativa de que no mínimo ele estava presente e depois foi retirado. A ausência de pênis é vista como resultado de uma castração, e o menino se acha ante a tarefa de lidar com a castração em relação a ele próprio (FREUD, 1923, p. 153).

Freud ao postular a formação do sujeito humano sempre menciona o falo, que é o representante psíquico do pênis que falta à mãe, na fantasia da criança. Pois bem, o pênis é uma representação do falo, mas não é a única. O falo seria a representação simbólica do pênis, afinal, o pênis seria o órgão da completude para criança diante da confrontação da visão do órgão genital feminino, por isso o medo do menino de ser castrado e o desejo da menina em tê-lo. Porém, qualquer coisa que tenha para uma pessoa a mesma significação do pênis para a criança durante complexo de castração pode ser considerado um falo. Como exemplos fálicos podemos citar os esportes, onde existe uma disputa fálica diante de suas habilidades com os outros.

Acerca da psicanálise entendemos que qualquer estrutura psíquica pode vir a cometer um crime, porém os que chamamos em outras teorias pelo nome de psicopatas podem estar associados à estrutura perversa. Farei um breve esclarecimento acerca dessas estruturas à luz da literatura de Antonio Quinet (2009):

**Neurose** – nesta estrutura existe a chamada amnésia, onde o neurótico não se recorda do que aconteceu na infância, em especial o que passou durante o Complexo de Édipo<sup>6</sup>, mas sua estrutura manifesta-se em forma de sintoma. As lembranças da época edípica são recalçadas, através da barreira neurótica, e retorna para o corpo através de doenças, paralisias, etc., no caso da histeria, ou comportamentos e/ou ideias obsessivas como sintomas neuróticos. “O sintoma fornece, assim, um acesso à organização simbólica que representa o sujeito” (QUINET, 2009).

**Psicose** – na psicose não existe a barreira que tem o neurótico, por conta disso o significante retorna

6 Expressão utilizada para a possessividade do menino para com a mãe de forma que ele a quer somente para si, rivalizando assim, com a figura paterna, até que esta se torne a figura de inserção da Lei (Complexo de castração).

no real, o que pode acarretar em distúrbios de linguagem, assim como delírios e alucinações que podem ser também explicados como ecos de pensamento, onde o sujeito ouve seus pensamentos repetidos, podendo atribuir a alguém ou alguma coisa essa ressonância. O indivíduo não reconhece como sua a cadeia de significantes e possui suas certezas em ideias delirantes ou vozes que o mesmo não permite dúvidas ou questionamentos. A dúvida é uma característica dos neuróticos por que marca a divisão do sujeito, na psicose a certeza, principalmente a certeza delirante, já demonstra um certo distúrbio na linguagem. Antonio Quinet explica também que:

[...] a forclusão do Nome-do-Pai implica a “zerificação” do significante fálico (NPo → φ o), tendo como efeito a impossibilidade de o sujeito se situar na partilha dos sexos como homem ou mulher — efeito que poderá manifestar-se em uma série de fenômenos, que vão da vivência de castração à transformação em mulher. (QUINET, 2009, p. 21).

**Perversão** – Nesta estrutura existe a admissão da castração no campo simbólico, mas esta é desmentida, negada ou conceitualmente denegada. Esse mecanismo ocorre em função da relação do sujeito com o sexo feminino (a mãe) – por um lado existe a inscrição da ausência do falo na mulher, o que remete ao medo da castração e a diferença sexual, por outro lado existe a negação desta inscrição. Esta negação retorna no perverso em forma de fetiches, cuja determinação simbólica pode ser identificada através de sua estrutura de linguagem.

A partir desse estudo, das estruturas psíquicas, faremos uma tentativa de análise para saber se a estrutura perversa está realmente ligada aos assassinos cruéis normalmente chamados de psicopatas ou assassinos em série.

Se pesquisarmos, historicamente, muitos assassinos são classificados, pela população e pelas mídias de divulgação, como indivíduos psicopatas. Segundo a pesquisa feita, dentre muitos destes casos, podemos identificar sujeitos que, aparentemente, foram acometidos de surtos psicóticos e não uma atuação fetichista dos perversos, como exemplo, cito o caso do massacre de Realengo, ocorrido em 04 de abril de 2011, quando Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, invadiu a Escola Municipal Tasso da Silveira - onde havia estudado e se formado - armado com dois revólveres e começou a disparar contra os alunos presentes com a finalidade de vingar-se de pessoas que ele nem ao menos conhecia. Matou doze pessoas, com idade entre 12 e 15 anos, e deixou mais outras tantas feridas (BRASIL, DINIZ e SEGALLA, 2011). Pode-se identificar Wellington como psicótico devido a seu crime vir de uma ideia delirante, demonstrando não estar em conformidade com a realidade, voltando sua vingança à pessoas que ele não conhecia, bem como sua carta onde deixa instruções de como deve ser enterrado e informando que os ímpios são proibidos de tocá-lo. Identificamos, também indivíduos que, aparentemente, estariam mais intimamente ligados à estrutura psíquica neurótica, que também cometem crimes, principalmente quando da atuação junto a grupos (como no tráfico), onde mesmo em confronto com a lei, existe uma hierarquia e leis daquele grupo que devem ser seguidas. No sujeito neurótico manifesta-se a criminalidade como uma forma de desafio à Lei (ao pai), mas não a desmente, ele a recalca. Neste mesmo entendimento podemos ver as crises epiléticas de Dostoiévski com o significado de morte, mas, neste caso a violência de Dostoiévski é dirigida a ele mesmo como forma de punição.

Dostoiévski era um escritor de vários livros rodeados de crimes, incluindo dentre esses **Crime e Castigo** e **Os irmãos Karamazov**. Este segundo foi utilizado por Freud para ilustrar a história do parricídio como sendo uma demonstração do retorno à infância e à época do complexo de castração. Através do crime primevo, o primeiro crime, que pode ter dado início à todas as Leis. No livro **Os irmãos Karamazov**, o pai, que era o líder tirano de toda a família, e o único detentor de poder sobre tudo, como o Pai primitivo do texto de Freud **Totem e Tabu**, foi assassinado pelos filhos que lhe tomaram o posto e a partir deste crime, criou-se a primeira lei, a lei de não matar ninguém da própria tribo e os irmãos passaram a ser os líderes. Esta é a fantasia da criança na época do complexo de Édipo e do trauma da castração, o menino gostaria de

tomar o lugar do pai e tomar posse da mãe, mas este intuito é interrompido pela inserção da lei, a castração (FREUD, 1928; DOSTOIÉVSKI, 1970).

Quando tinha 18 anos o pai de Dostoiévsk foi assassinado, a partir de então os sintomas que até então eram brandos passaram a ter sua forma epilética. Essa relação da morte do pai de Dostoiévski e o assassinato do pai no livro Os irmãos Karamázov pode levar-nos a compreender o ponto central da neurose dele (FREUD, 1928).

Conhecemos o significado e a intenção desses ataques que semelham a morte. Eles significam uma identificação com um morto, com uma pessoa que realmente morreu, ou que ainda vive e a quem se deseja a morte. O último caso é o mais significativo. O ataque tem, então, o valor de um castigo. O indivíduo desejou a morte de outro, e agora é esse outro e está morto. Aqui a teoria psicanalítica traz a afirmação de que esse outro, para o menino, via de regra é o pai, e o ataque - denominado histérico - é, então, uma autopunição pelo desejo de morte relativo ao pai odiado [...] O sintoma dos “ataques que semelham a morte”, que aparece já na infância, pode ser compreendido como uma identificação com o pai por parte do Eu, admitida pelo Super-eu como punição. “Você quis matar o pai, para se tornar o pai você mesmo. Agora é o pai, mas o pai morto” — o mecanismo habitual dos sintomas histéricos (FREUD, 1928, p. 281).

Por suas escritas, Dostoiévsk poderia ser considerado um pecador ou um criminoso, mas Freud (1928) indica em seus escritos que “dois traços são essenciais num criminoso, o ilimitado egoísmo e a forte tendência destrutiva [...] e um pressuposto para sua manifestação, é a ausência de amor” (FREUD, 1928, p. 277), mas Dostoiévsk, segundo Freud conta em seu texto Dostoiévsk e o parricídio (1928) tinha uma enorme capacidade de amar, o que se demonstrou mesmo quando teria o direito de ódio e vingança, como nas relações entre sua primeira esposa e o amante dela.

Vale lembrar também que o fato de um indivíduo praticar certas perversidades não significa que ele venha a ser um criminoso. Em relação a legislação brasileira, um coprófago que sacia seu desejo junto a outro indivíduo que compactua do mesmo fetiche ou que aceita participar de seus rituais não está cometendo um crime, enquanto que um pedófilo, ao realizar suas lascívia com uma criança, está.

No texto Fetichismo (1927), Freud explica a constituição do sujeito perverso pela eleição de um fetiche como um substituto do falo materno. Chega um momento, durante o complexo de Édipo, em que o menino percebe que a mãe não tem pênis, neste momento a criança se depara com o risco da castração. O indivíduo com a estrutura perversa percebe a castração e não suporta essa “realidade”, assim, como mecanismo de defesa, ele a nega, a desmente. Nesse momento a criança faz a eleição de um fetiche como um substituto do falo da mulher (mãe), em geral, algo que está presente no momento que se dá conta do risco da castração. Segundo Freud (1927), a eleição do fetiche está na última impressão percebida antes do trauma da castração materna. Por isso muitos tem fetiches na roupa íntima feminina, pois esta seria a última visão da criança antes da descoberta da castração materna. Esta descoberta, segundo Freud (1927), é feita por alguns indivíduos de baixo para cima (pés, joelhos, pernas, etc.), por isso alguns fetiches com sapatos, pele, meias. É possível que um coprófago tenha feito essa descoberta enquanto sua mãe estivesse no banheiro. Freud deixa claro que não há como afirmar que sempre será possível estabelecer o que determinou cada fetiche.

Segundo Freud (1927), na realidade psíquica, para este sujeito, a mulher tem seu falo preservado, mas esse falo não é o mesmo de antes e ele se consolida através do fetiche. Para um perverso, seus fetiches não são um problema e a gratificação sexual que estes lhes proporcionam poderia causar inveja à muitos neuróticos que tanto se esforçam para conseguir chegar ao prazer.

Freud (1927) afirma, ainda, que o fetichista escotomiza a castração da mulher e o fetiche guarda, em sua estrutura, tanto o repúdio como a afirmação da castração. A ternura e a hostilidade no trato do fetiche

são equivalentes ao repúdio e a aceitação da castração.

Provavelmente nenhum ser masculino é poupado do pavor da castração ao avistar os genitais femininos. Por que alguns se tornam homossexuais em consequência desta impressão, outros a rechaçam pela criação de um fetiche e a grande maioria chega a superá-la, é algo que não conseguimos explicar. É possível que ainda não conheçamos, entre os fatores que agem simultaneamente, aqueles decisivos nos raros desenlaces patológicos; de resto devemos nos dar por satisfeitos se podemos explicar o que aconteceu, deixando provisoriamente de lado a tarefa de explicar por que algo não aconteceu (FREUD, 1927, p. 247).

Para elucidar suas afirmações, Freud traz como exemplo, no texto *fetichismo* (1927), o caso de um indivíduo que se enquadra nesta estrutura psíquica: um jovem que elegeu um certo brilho no nariz como categoria de fetiche. Essa eleição foi explicada por este ter sido criado na Inglaterra durante sua infância, depois foi para Alemanha e esqueceu sua primeira língua, passando a ter o Alemão como sua língua falada e escrita. Seu fetiche deveria ser decifrado em inglês e não em alemão: *“el glanz auf der nase”* que em alemão significa brilho sobre o nariz, mas em inglês *Glance* significa “olhar”, logo, sua tradução seria olhar sobre o nariz. (FREUD, 1927)

Freud (1927) fala também da conduta do cortador de tranças, onde ele traça a necessidade deste de executar a mesma castração a qual tanto repudia. Nessa ação, ele se coloca e combina duas posições incompatíveis: a mulher que conserva o pênis e o pai que havia castrado a mulher.

Segundo explica Aulagnier (2003) o perverso justifica-se “em nome de algo mais do que prazer que ele pretende autenticar por um mais-saber sobre a verdade do gozo” (AULAGNIER-SPAIRANI, 2003, p. 47).

Como vimos anteriormente, o perverso percebe a castração e a diferença entre os sexos, mas ele nega, para conseguir lidar com o horror experimentado por ele no momento de descoberta do genital feminino. Simbolicamente permitindo que a mãe permaneça com o falo, fixando-a como a instancia suprema, preservando o mito narcísico de uma onipotência que encontra seu ponto de referência na mãe.

É esta recusa (que faz parte da experiência de todo indivíduo) que será, em um segundo tempo, refutada pelo teste da realidade que confronta o sujeito com aquilo que ele quer (a descoberta do sexo feminino) e com o que ele adquire como saber, isto é, que existe um mundo do gozo do qual ele está excluído e ao qual a mãe tem acesso somente através do pai. É este novo saber que será o material de todo fantasma de castração, fantasma que não pode ser formulado a não ser no momento em que ele se faz, para o sujeito, uma certa adequação entre o corpo sexuado, a “diferença” e o poder do gozo. (AULAGNIER-SPAIRANI, 2003, p. 49).

Segundo Aulagnier (2003), o que o perverso desafia sem saber é o real, e neste desafio está a motivação inconsciente de sua conduta. Toda lei se apoia em um saber e esse saber tem a pretensão de encontrar suas fontes no real. Nesse sentido, o perverso desafiará a realidade da castração feminina através do véu do fetiche, delegando à mulher o poder absoluto da castração, e ele oferece-lhe o próprio corpo à mutilação, provando assim, “pelo gozo que é o seu, que a dor é prazer, que o horror é fascinação, que a castração é uma forma refinada do gozo” (AULAGNIER-SPAIRANI, 2003, p. 62). Assim o perverso coloca a realidade com uma equivalência entre o bem e o belo, o crime e a culpabilidade, colocando em questão o funcionamento de todo suporte ético (AULAGNIER-SPAIRANI, 2003).

[...] o paradoxo mais completo: aquele que recusa o real a fim de pôr-se a salvo da angústia de castração é o mesmo que, no momento em que ele mais precisa ser dela preservado a fim de ter acesso ao seu gozo, parece afirmar a realidade da castração e da necessidade, para todo sujeito, de passar por ela, até mesmo de invocá-la. (AULAGNIER-SPAIRANI, 2003, p. 65).

Todas as relações de um sujeito com a estrutura psíquica perversa é ligada a um Contrato, não um contrato físico, registrado em um cartório, mas um contrato onde ele dita regras e estabelece limites e nada nesse contrato lembra uma declaração de amor ou uma demonstração de paixão, tudo o que ele quer é o domínio em nome de sua lei e não de amor. Segundo o trabalho de Aulagnier (2003), essas leis são impostas para ensinar o outro o que é o gozo e esse gozo não é reconhecido como direito ou extremo prazer, mas como um dever, uma “dívida sacrificial oferecida a um Outro de quem teremos de dizer qual ponto de vazio na cadeia de significantes ele vem preencher” (AULAGNIER-SPAIRANI, 2003, p. 56). Este contrato fica muito claro nas relações e rituais sado-masoquista, que são executado tanto por perversos quanto por neuróticos afim de reviver e tentar elaborar a vivencia da castração. Porém o sujeito histórico se coloca nessa atuação com intuito de se tornar o objeto de desejo do outro, enquanto o perverso atua para elaborar o horror do genital feminino e para que através da dor recebida ou provocada em outrem seja uma acesso e ensinamento de acesso ao gozo. O masoquista perverso demanda que o acoitem para obter esse gozo da mãe fálica e ao mesmo tempo castrada. A dialética do masoquista perverso o situa no lugar do mestre, tendo direito de vida e de morte, encontrando assim, a vida do seu prazer. O perverso entende que o outro ignora o que venha a ser o objeto de seu desejo, logo, é ele, o próprio perverso o único a saber a verdade do gozo do outro. Nesse sentido o perverso se investe no papel de iniciado e desmistificador, demandando do parceiro o que este parceiro ignora a respeito de seu próprio gozo, revelando sua verdade, o não-sabido do seu gozo (AULAGNIER-SPAIRANI, 2003).

Uma outra realidade que o perverso deve encarar é saber que é um mortal. A fim de lidar com tal realidade, o perverso tentará vencê-la, seja fazendo a morte em si mesma um efeito de prazer, escotomizando sua existência ou tentando controlar sua hora de morte a sua escolha (AULAGNIER-SPAIRANI, 2003).

Finalizo com as palavras finais de Aulagnier:

Concluirei dizendo que o perverso substitui um real julgado absurdo e inaceitável pela verdade de um desejo que se camufla em verdade do saber. Esta substituição, que é o preço que ele paga do seu compromisso com o real, vem traçar em seu ser esta rasgadura que se chama Spaltung, fio fino ou corda esticada sobre o qual seu eu se entrega a um exercício de equilíbrio tão brilhante quanto perigoso. (AULAGNIER-SPAIRANI, 2003, p. 67-68).

#### 4. Considerações Finais

*Não somos uma espécie de monstros inerentes. Nós somos seus filhos, nós somos seus maridos... Nós crescemos em famílias comuns.*

Ted Budy (Apud DOBSON, 2013).

Diante da pesquisa realizada, pudemos visualizar a denominação mundialmente utilizada para os indivíduos considerados psicopatas, utilizando para tanto o CID-10 que os classifica com personalidade dissocial e o DSM-5 que os enquadram no transtorno de personalidade antissocial.

Conseguimos entender como se formam as estruturas psíquicas dentro da teoria psicanalítica e especificamente como se forma a estrutura psíquica perversa e suas implicações subjetivas.

Enfim, não temos como afirmar que os psicopatas estão associados à estrutura psíquica perversa, cada caso terá sua singularidade a ser analisado com cuidado para distinguir as nuances. Esta é uma pesquisa que não se finda neste trabalho, mas que incentiva uma pesquisa mais aprofundada e quem sabe uma tese onde um indivíduo com tais características possa ser entrevistado e analisado mais profundamente na intenção de desmistificar seu funcionamento psíquico.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM V**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- AULAGNIER-SPAIRANI, P. **A perversão como estrutura**. n. ano VI, p. 43-69, set 2003.
- BRASIL, S.; DINIZ, L.; SEGALLA, V. Cruel, aterrador e inexplicável. **VEJA**, n. 2212, p. 80-100, abril 2011. ISSN ano 44, nº 15.
- CAPIGLIONE, L. A prisão do Maniaco do Parque. **Editora Abril**. v. ano 31, n. 1559, p. 106-113, Agosto 1998.
- COELHO, M. T. Á. D. O parricídio na obra de Freud. **Cógito**, Salvador, n. 12, p. 69-73, 2011.
- DAVAGLIO, T. R.; ARGIMON, I. I. D. L. Avaliação de comportamento anti-sociais e traços psicopatas em psicologia forense. **Avaliação Psicológica**. Porto Alegre, 9, 0 Abril 2010. 111-118. Disponível em: <[http://pep-sic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712010000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pep-sic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712010000100012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 Jan 2016.
- DOBSON, J. **Serial Killers: A última entrevista de Ted Bundy**. Youtube. 2013. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=nVain2j\\_uK0](https://www.youtube.com/watch?v=nVain2j_uK0)>. Acesso em: 04 jun. 2016.
- DOSTOIÉVSKI, F. **Os Irmãos Karamazov**. Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes. [S.l.]: Abril Cultural, 1970.
- FERREIRA, R. B. D. O. O homicida e a perversão: uma análise motivacional sobre o crime. **Revista de Ciências Jurídicas da UNIME**. Bahia, setembro 2010.
- FREUD, S. **Obras copletas: A interpretação dos sonhos (primeira parte)**. [S.l.]: Imago, v. IV, 1900.
- FREUD, S. A organização genital infantil. In: \_\_\_\_\_ **Obras completas: o eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Cia das Letras, v. 16, 1923. p. 150-157.
- FREUD, S. O fetichismo. In: \_\_\_\_\_ **Obras completas: inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, v. 17, 1927. p. 244-251.
- FREUD, S. Dostoevsk e o parricídio. In: \_\_\_\_\_ **Obras completas: inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Cia das Letras, v. 17, 1928. p. 275-297.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Paulo Dias Correa. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- MOREIRA, J. D. O. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em Estudo**. Maringá, 9, mai/ago 2004. 219-227. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722004000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 2016.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID-10**. Datasus, 2016. ISSN 1. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2016.
- QUINET, A. **As 4 + 1 Condições de análise**. 12. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- ROUDINESCO, E. **A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, v. 1, 2008.
- SÓFOCLES. **Édipo rei**. Tradução de Geir Campos. Rio de Janeiro: Teatro Carioca de Câmera, 1983.
- XIMENES, S. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. reform. ed. São Paulo: Ediouro, v. 1, 2000.

THE MISTAKE PSYCHOPATH: CRIME AND PERVERSION

**ABSTRACT:** This study aims to make a research on the psychological functioning of serial killers, also called psychopaths or sociopaths in the light of psychoanalytic theory. The intention of this work is trying to answer if these individuals, criminals and murderers, are actually associated with perverse psychic structure. For this purpose, we use texts of psychoanalytic theory, particularly Elizabeth Roudinesco, Antonio Quinet, Piera Aulagnier and, especially, Freud.

**Keywords:** Psychopath; Psychoanalysis; Perversion.

Recebido em 30 / 06 / 2016.

Aceito em 10 / 07 / 2016.